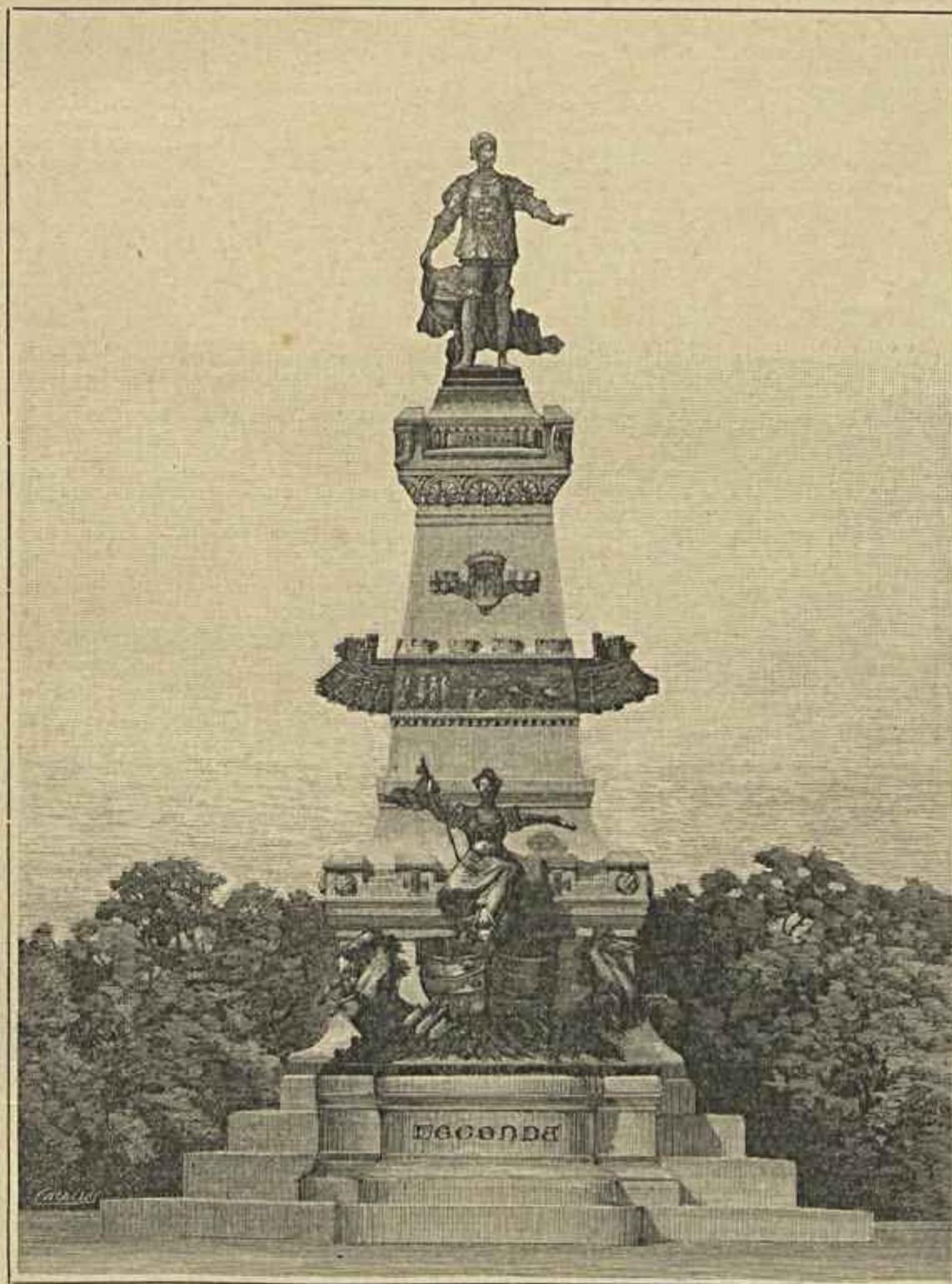


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	17.º Anno — XVII Volume — N.º 544	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento da Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	º a entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	5950	120	I DE FEVEREIRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		



MONUMENTO AO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO
PROJECTO DO SR. THOMAZ COSTA, 1.º PREMIO
(Copia de uma photographia do sr. Guedes)



CHRONICA OCCIDENTAL

O principal acontecimento da semana foi um acontecimento politico, o conflicto levantado entre o governo e as associações commercial e industrial de Lisboa, aggravado pela prohibição imposta pela auctoridade ao grande comicio que para segunda-feira 29 de janeiro, essas associações tinham anunciado no Colyseu dos Recreios — mas, felizmente para nós, esse acontecimento, que pela sua significação politica pertencia exclusivamente à revista do nosso presado collega João Verdades, veio metter-se dentro dos dominios que systematicamente delimitámos de ha muito a nossa chronica, pelo seu aspecto pittoresco.

E sem querermos de modo algum indagar quem n'esse conflicto tem razão, sem tratarmos de saber qual a sua importancia politica, se será tão significativa como o dizem os jornaes da opposição, se tão nulla como pretendem os jornaes do governo, apenas consideraremos esse conflicto pela nota nova e original que elle na segunda-feira 29, veio trazer à vida lisboeta.

Desde sabbado á noute, que para essa segunda-feira se annunciaram coisas extraordinarias e que os mirões se preparavam para uma d'essas sarafuscas das ruas, que fazem o gaudío dos pescadores d'aguas turvas e que havia já tres annos estavam retiradas de scena.

A coisa devia começar ao meio dia, com o encerramento das lojas e para depois nem havia programma, havia muitos pontos de reticencia, que encobriam — dizia-se — acontecimentos extraordinarios, excepcionaes. . .

Logo pela manhã — manhã d'um dia lindissimo d'inverno — as ruas começaram a ter uma animação desusada, animação dos antigos dias de parada, ou de manhã da procissão da Saude.

Era uma segunda-feira, um dia de semana, mas havia no ar o quer que fosse de dia santo.

Pelos passeios formavam-se grupos conversando animadamente, discutindo, mas discutindo todos de accordo e todos o mesmo assumpto e todos com a mesma cara sombria, de prognosticos tetricos, epilgando todos a conversação, com a mesma phrase sybilina, cheia de presagios «Vamos a ver! vamos a ver!»

No Chiado e nas ruas da baixa passavam ranchadas de policias com caras mysteriosas, caras de caso, fallando pouco, contra o tradicional costume da nossa loquaz policia, e dirigindo se todos para o mesmo sitio, para as bandas da travessa da Parreirinha, apressados, preocupados, como artistas que se dirigem para os camarins, em noute de *première* de sensação.

Senhoras, poucas ou nenhuma pelas ruas: as raras, que appareciam, seguiam o seu caminho rapidamente, como quem tinha vontade de se achar depressa em casa, olhando de revez para os grupos que conversavam e para os policias que atravessavam. . .

Soldados, nem um tambem pela baixa, nem sombra d'um municipal, para amostra, a confirmação muda, da prevenção de que em já ha dias se fallava.

Nas lojas, em todas, grande azafama dos caixeiros em servirem, n'um abrir e fechar d'olhos, os seus freguezes, uma actividade que jogava a pancada, com os legendarios habitos pachorrentos do nosso commercio.

E quando os freguezes saham, os caixeiros, vinham ás portas dar palestra aos visinhos, com ares graves e caras alegres; e os marçãos vinham trazendo os taipaes para as montras, para as vidraças, com as suas caras lorpas illuminadas por uma alegria extranha, os olhos a sorrirem de prazer.

E os empregados publicos iam-se arrastando para o Terreiro do Paço, vagarosamente, olhando para todo esse movimento das lojas, melancolicos, tristes, lamentando muito n'esse dia não serem caixeiros, não serem marçãos, não poderem pôr tambem os taipaes nas suas secretarias.

Ao meio dia, como se em vez de ser dia de S. Francisco Xavier fosse dia de quinta feira santa, as lojas fecham-se todas ao mesmo tempo — como se accendem os candieiros da luz electrica na Avenida; mas todas, como nunca acontecera cá, todas, aquellas mesmas que nunca fecham, as tabernas, os botequins, os restaurantes, os estancos, as confeitarias, com uma excepção unica, a excepção humanitaria, a que não podia deixar de ser, a excepção das boticas.

E essas lojas fechadas lançam para a rua centenaes de pessoas que se arregimentam em tres grandes grupos, cada um dos quaes toma a sua direcção, um a do Terreiro do Paço, para a Associação Commercial, outro a da rua do Ferregial, para a Associação dos Lojistas, outro a da Boa Vista, para a Associação Industrial.

D'alí a nada porém os dois ultimos grupos vão reunir-se ao primeiro e o Terreiro do Paço enche-se de gente.

Vae começar a peça; os policias, em grande massa, com os seus sub-chefes á frente tomam posição nas immediações da Associação Commercial.

A multidão é enorme, mas enorme o socego tambem. De repente ouve-se um burburinho. A policia prende uns homens. Indaga-se o que é. Uns dizem que foi a policia que teve a culpa, outros, que não, que a culpa foi dos homens; não se sabe ao certo, o que se sabe é que apparece immediatamente no Terreiro do Paço, uma força de cavallaria da guarda municipal fazendo evoluções.

Os *dilletanti* das desordens nas ruas esfregam as mãos contentissimos, vae começar a festa; os pacatos, os prudentes tratam de se ir safando para as suas casas.

E ficam-se todos na expectativa: os mais curiosos os mais animosos, na rua á espera dos acontecimentos; os mais cautelosos, os mais medrosos, em casa, á espera dos supplementos. . .

E uns e outros ficam á espera todo o dia e toda a noute.

Dia e noute pacificos, dos mais pacificos de Lisboa. Muita gente na rua, muita policia nas praças: o Rocio cheio como um ovo e nada mais.

Os botequins, restaurantes, tabernas, fechados, forneceram a todos os theatros e circos de Lisboa, enchentes enormes: os beneficiados — porque n'esse dia, primeiro dia da semana, sempre mau dia de espectáculo, quasi todos os theatros tinham vendido a casa — esfregavam as mãos e os empresarios torciam a orelha.

E á meia noute policia e povo recolheram pacatamente, tranquillamente, ás suas casas e o dia que se tinha anunciado com cores tão feias, foi um dos dias mais animados, mais alegres, e mais originaes de Lisboa, pois a novidade de todos os estabelecimentos fechados dava á cidade um aspecto desuzado e curioso. *Tout est bien que finit bien*, resta porém saber se se pôde julgar acabado. . .

Esta escripto que ha um tempo a esta parte a necrologia figure sempre na nossa chronica.

Hoje temos duas mortes a registar, duas mortes que fizeram grande sensação, uma no paiz inteiro — a de Carlos Relvas — a outra em Lisboa, a do dr. Isidoro d'Azevedo.



CARLOS RELVAS

Carlos Relvas era uma das figuras mais brilhantes e mais sympathicas do nosso paiz, admirado pela sua elegancia, pela sua pericia, pela sua arte, como cavalleiro e como toureiro amador, pelo seu delicado talento artistico de photographo, querido e respeitado pelas bizarras e generosas qualidades de coração, pelos altos dotes de espirito e de caracter.

Carlos Relvas, cujos magnificos trabalhos photographicos mais d'uma vez honraram as columnas do nosso jornal, falleceu na sua esplendida casa da Gollegã, no dia 23 de janeiro, das consequencias d'um desastre que lhe aconteceu andando a passear a cavallo pela sua terra.

Destrissimo cavalleiro, Carlos Relvas vira-se entalado entre dois carros: e devera ao seu arrojo e á sua pericia não ter ficado esmagado logo ali, mas fizera uma ferida gravissima n'uma perna.

Essa ferida ia já melhor quando lhe sobreveio a erysipella, que o matou.

A noticia da morte de Carlos Relvas appareceu prematuramente em alguns jornaes. Uns telegrammas vindos da Gollegã dando-o em perigo de vida, fizeram correr o boato da sua morte, boato que alguns jornaes reproduziram. No dia immediato veio logo a rectificação da noticia e d'alí a dias o estado gravissimo do enfermo melhorou consideravelmente, chegando a fazer nascer esperanças entre os seus numerosos amigos e admiradores.

Diz-se que as noticias de morte com o doente vivo, são signaes de longa vida e julgou-se que mais uma vez os factos confirmariam o dictado.

Infelizmente não confirmaram; as melhoras animadoras de Carlos Relvas, foram apenas a tradicional visita da saude.

Carlos Augusto de Mascarenhas Relvas de Campos era um homem novo ainda; nos ultimos tempos andara um pouco acabrunhado pela doença e foi doente ainda, que elle, no verão passado, ouvindo mais o impulso do seu coração generoso, do seu espirito obsequiador do que os conselhos dos medicos, veio tourear ao Campo Pequeno, na corrida promovida pela imprensa, em beneficio dos açorianos; mas a doença passara e achava-se completamente restabelecido agora, quando esse imprevisito desastre o atirou para o tumulo.

Riquissimo lavrador da Gollegã, Carlos Relvas era adorado em todo o Ribatejo pelo bem que a mãos cheias prodigalisava pelos pobres da sua terra.

Caracter lealissimo, d'uma honestidade inquebrantavel, fidalgo pelo nascimento, e fidalgo pelas suas altas qualidades de espirito e de coração, *sportman* dos mais peritos, dos mais elegantes e dos mais corajosos da nossa terra, Carlos Relvas tinha além d'isso o segredo de fazer amigos dedicados de todos aquelles que d'elle se aproximavam, uma vez sequer e por isso a sua morte foi muito sentida em todo o paiz pois em todo o paiz o seu nome era conhecido e queridissimo, por isso o seu enterro foi um dia de lucto e de lagrimas para a Gollegã.

A sua desolada viuva e a seus estremecidos filhos os nossos sentidos pezames.

O dr. Isidoro d'Azevedo era um rapaz muito novo ainda, que não deixa um nome illustre nos annaes da medicina, mas que era muito querido e muito estimado em Lisboa pelo seu esplendido caracter, pela sua grande bondade.

Muito novo, com pouco mais de 30 annos, muito rico, e muito bom rapaz, matou-o uma doença terrivel, que elle como medico estudára muito e procurára combater com toda a energia de quem ama a vida e lucta com a morte: — a Diabetes.

O dr. Azevedo era filho unico do sr. Azevedo, conhecido pharmaceutico da rua Larga de S. Roque e a sua prematura morte fez tão grande impressão em Lisboa, que apesar do fallecido não occupar nenhum alto cargo politico, o seu enterro foi um dos enterros mais concorridos que tem havido entre nós e foi profundissima a consternação de toda a gente a ver sumir-se no tumulo um rapaz tão novo, tão bondoso e tão feliz.

Paz á sua alma.

Gervasio Lobato.

Concurso para o monumento do Infante D. Henrique no Porto

Antes de mais nada, uma declaração muito formal e muito explicita, e que julgo indispensavel n'este momento.

Sou amigo de todos os artistas que apresentaram projectos no concurso para o monumento do Infante D. Henrique. Com Thomaz Costa, o esculptor laureado, mantenho relações affectuosas, que datam já de longos annos. De Teixeira Lopes, sou tambem amigo de ha muito. A Ventura Terra, Adães Bernardes e Marques da Silva, ligam me igualmente laços de estima e consideração.

Dando-se pois, estas relações, talvez se estranhe a severidade com que de vez em quando eu aprecie os projectos apresentados, mas a isso responderei que acima da amizade e da sympathia que me inspire qualquer dos concorrentes, está o dever da consciencia de analisar desapaixonadamente esses trabalhos, pondo de parte quaesquer considerações pessoais.

No jury tambem conto dois velhos amigos: Marquez de Oliveira e Joel Pereira. Terei do mesmo modo de me referir a elle pouco benevolmente.

Trata-se de um assumpto muito importante, como é o de um concurso de dote para um monumento publico á memoria de um dos filhos mais illustres d'esta terra. E sendo assim, cumpre banir velhos preconceitos de affeição e dizer toda a verdade, bem nua e crua, não só para correctivo de futuros erros, como para elucidação do publico, entre nós tão mal orientado em questões de bellas-artes.

E dito isto, entremos no assumpto. Foram sete os projectos que se apresentaram: «Invicta», do esculptor Thomaz Costa, em desenho; «1394-1804», do architecto Ventura Terra, tambem em desenho; «Luzitania», do architecto Marquez da Silva, em relevo; «Sagres», dos esculptores José Joaquim Teixeira Lopes e Antonio Teixeira Lopes (pae e filho), tambem em relevo; «Por mares nunca d'antes navegados», do esculptor Antonio Teixeira Lopes, igualmente em relevo; «Adgloriam», do architecto Adães Bermudes, em desenho; e um projecto de um pharol, tambem em desenho. Estes dois ultimos projectos ficaram fóra de concurso.

O jury nomeado pela commissão do centenario, para julgar as provas apresentadas, compunha-se dos srs.: conde de Samodães, inspector da Academia Portuense de Bellas-Artes; Victorino Teixeira Larangeira, professor de construcção na Academia Polytechnica; João Carlos de Almeida Machado, engenheiro da camara municipal; João Marquez da Silva Oliveira, pintor e professor da Academia de Bellas-Artes e Joel da Silva Pereira, architecto.

Ora n'este concurso deram-se realmente casos curiosos e extraordinarios.

Abstraindo já do facto de nas condições do programma se permittir a apresentação de projectos em desenho, caso que só se dá no nosso paiz, houve o seguinte:

No proprio dia em que se abria a exposição dos projectos, não só corriam de bocca em bocca os nomes dos seus autores, como no dia seguinte eram, por uma inqualificavel levandade, revelados ao publico por alguns jornaes!

Note-se que o programma impunha o maximo sigillo acerca dos nomes dos concorrentes, devendo os projectos ser designados apenas por uma divisa.

Dias depois da exposição aberta e portanto terminado já o prazo fixado para a apresentação dos projectos, accitavam-se e expunham-se as duas *maquettes* de duas estatuas que figuravam em um dos projectos desenhados e que o author se lembrava de enviar.

Em seguida publicava-se pela imprensa, a memoria descriptiva d'esse projecto, o que tanto importava como tornar conhecido o author de tal projecto, que com a publicação da memoria apenas pareceu querer influenciar de certo modo no espirito publico.

Finalmente já depois de julgados os projectos, accitavam-se e expõem-se as plantas elucidativas de um simples decalque que o author de um dos projectos remettera!

E o mais curioso é que tudo isto foi praticado por artistas que viveram ou vivem ainda em Paris e que conhecem o rigor com que allí são feitos os concursos d'este genero.

Mas é que nisto e em muitas outras cousas mais, o nosso paiz é verdadeiramente excepcional.

Principiando pelos projectos premiados, fallaremos em primeiro lugar do projecto de Thomaz Costa, que tinha a divisa

INVICTA

Segundo a memoria descriptiva já publicada, esse projecto consiste no seguinte:

A estatua pedestre do Infante assenta sobre um pedestal com a forma de um tronco de pyramide de base quadrada, collocado sobre uma base da mesma figura geometrica.

O estylo geral adoptado (diz a Memoria) é o românico, não se empregando o gothico por não parecer caracteristico para estas construcções.

Os motivos predominantemente da ornamentação

consistem em ameias de castellos, escudos de Portugal espheras armillares e cruzes de Christo.

A meio do pedestal, sobresahe de cada lado, a prôa de uma caravella, havendo n'esse mesmo sitio dois baixo-relevos. O que diz para a frente do monumento representa a *Escola de Sagres* e o outro a *Passagem do Cabo Bojador*.

Na base do monumento e na frente vê-se uma estatua de mulher, que significa a Gloria, sustentando na mão direita a bandeira de Portugal e na esquerda uma corôa com que premeia os navegadores, a qual Gloria avança sobre o castello de prôa de um navio tirado por dois cavallos marinhos, um d'elles guiado por um Tritão e o outro por uma Nereida. Esta composição intitula-se «O triumpho da navegação portugueza».

Na parte posterior da base do pedestal, está collocada a figura symbolica da Religião, representada por uma virgem, tendo na mão direita a cruz que cinge ao peito.

Quanto á estatua do Infante, é este representado de pé, descoberto, erguendo com a mão direita o véo que cobre uma esphera terrestre e com a esquerda apontando para o espaço. A figura tem armadura e cota de malha, vestido por cima a loba com as armas de Portugal.

Eis o que é o projecto. Muito bem desenhado e excellentemente aguarellado, seduz sem duvida alguma pelo aspecto, mas analysando se miudamente não resiste a uma critica severa.

O author juntou ao alçado um outro de pequenas dimensões, apresentando o monumento de perfil, e duas *maquettes* em gesso, uma da estatua do Infante e a outra do grupo do «Triumpho da Navegação».

A primeira extravagancia do projecto, é a do seu author ter dado ao monumento a orientação oeste, afim de que a estatua ficava voltada para o edificio da Bolsa.

Ora a orientação natural da praça, pelo seu declive, é norte sul e assim, não sabemos que aspecto apresentaria o monumento collocado de travez, como o author indica.

Depois, se a questão era da estatua ficar voltada para um edificio, não estará muito melhor fazendo frente para a casa onde o proprio heroe nasceu e que dista apenas alguns metros da praça?

Diz o author que o estylo geral do pedestal é o românico, sendo esse o preferido, por gothico não parecer caracteristico para estas construcções.

Ora em primeiro lugar não podemos perceber em que é que o estylo românico está definido no monumento.

O unico ornato do pedestal, o que se vê na cornija, não caracteriza de modo algum o referido estylo, em que ha motivos muito mais expressivos pela sua pureza. Além d'isso, nem uma unica moldura d'esse estylo se encontra no pedestal. Assim o romanicismo do monumento não passa de mera phantasia.

Sem querer-mos discutir se o estylo ogival tem ou não elementos para a decoraçáo séria e viril do pedestal de uma estatua, que importava que o author fizesse esse pedestal em estylo moderno, como procederam outros concorrentes? A respeito de estylos, pois temos fallado.

Como prova do pouco criterio com que o pedestal foi concebido, apontaremos ainda o seguinte:

O anachronismo das espheras armillares, que caracterizam o reinado de D. Manoel, no momento de um principe que viveu em um reinado muito e muito anterior.

A nenhuma similhaça do brazão apresentado, com o de que usava o principe.

Finalmente o proprio typo das ameias, que nada tem da forma das uzadas nas construcções militares da idade média, que o author tanto quiz representar no monumento.

Agora com relação á estatua, aquillo pôde traduzir, tudo o que quizerem, menos a figura severa e energica do infante D. Henrique. Nem typo nem vestuario, nem nada.

Muito bonita de aspecto aquella figurinha de pagem risonho de alguma rainha galante, mas d'ahi á physionomia tradicional do sabio impulsador das nossas primeiras descobertas maritimas, vae uma distancia enorme.

O author diz que copiou a sua estatua da que existe no portico sul do convento dos Jeronymos. Antes tivesse seguido o retrato e a descripção que vem na Chronica de Azurara, e que desprezou.

Relativamente no grupo do «Triumpho da Navegação», nada temos a objectar. O seu aspecto é grandioso e elegante.

Com referencia á estatua da Religião, nada podemos dizer, por não nos offerecer sufficientes

elementos de apreciação, a simples indicação que se vê no pequeno alçado que apresenta o monumento de perfil.

A respeito do aspecto geral do monumento, se em algumas das suas partes não apresenta grande originalidade, trazendo até ao espirito certas reminiscencias, sendo uma das mais salientes as prôas das caravellas sobresahe a meio do pedestal, o todo não deixa de ser agradável, se bem que a base total do monumento nos pareça um tanto mesquinha.

Analysemos agora o parecer dado pelo jury que apreciou os projectos.

Diz o jury que este «não se mostrou exigente ao ponto de querer completa originalidade nos projectos e embora reconhecesse para alguns as fontes onde foram buscar elementos para o seu estudo, entendeu que devia abstrahir d'essas reminiscencias e julgar unicamente os projectos pelo seu merito relativo, etc.»

Ora ha aqui dois pontos que merecem ser notados. O jury, apesar de se tratar de uma obra de importancia da que se vae executar, não se preocupou em nada com a originalidade das concepções dos concorrentes, como se isso fosse uma questão secundaria e apesar de conhecer as fontes onde alguns foram buscar elementos para a organização dos seus projectos, tratou de julgar estes segundo o seu merito relativo, etc.

Parece nos que um jury de pessoas competentes, o que teria primeiro a attender em um concurso d'esta natureza, seria a originalidade de qualquer projecto, quando essa originalidade não fosse de encontro á belleza esthetica e ao senso commum. No caso sujeito, porém, cada qual poderia até ir copiar mais ou menos livremente, qualquer monumento estrangeiro, porque o jury não se preocuparia com isso, mesmo sabendo a origem da imitação. Extraordinario modo de julgar, em materia de arte.

Depois, aquella affirmativa do jury, de conhecer as fontes onde alguns concorrentes foram beber a inspiração para os seus projectos é tão séria e tão grave, que não deixaria de trazer a lume reclamações como as que fizeram logo alguns dos referidos concorrentes.

Tratando de escolher o projecto que devia ser preferido, o jury votou por maioria no «Invicta», mas mediante as seguintes condições:

Dar-se outra orientação ao monumento, voltando-se do poente para o sul; elevar, talvez, a altura do mesmo monumento; substituir o escudo por outro mais conforme com o que a Historia diz ter sido o do Infante; mudar as espheras armillares para a cruz de Christo (não serão cruzes de mais); diminuir a saliencia dos rostros (as prôas das caravellas, no pedestal); substituir o ornato da cornija por outro mais accommodado ao caracter do monumento; finalmente «fazer um estudo consciencioso, e quanto possivel em harmonia com o que os escriptores nos deixaram dito sobre este principe, não só quanto á cabeça, mas quanto á estatua e vestuario».

Só depois de feito tudo isto é que o projecto do sr. Thomaz Costa, em grande parte transformado, poderá ser construido.

O jury não nos diz n'esta acta os motivos porque não accitou nenhum dos outros projectos, sujeitando o mesmo a alterações tão importantes como as que indicou no do sr. Thomaz Costa. Naturalmente isso consta das outras actas, que é para sentir não viessem tambem a publico.

A verdade, porém; é que no nosso pensar, as modificações apontadas são de tal ordem, que se não transformam completamente o aspecto do projecto, o modificam comtudo muito. Importantissimo sobre todos, é por exemplo a alteração da estatua, que tem de ser inteiramente nova.

E n'este ponto diremos que nos surprehe a confiança illimitada que o jury deposita n'aquelle artista. Tem elle a certeza de que a estatua do infante ficará por fim conforme os desejos que manifestou?

Sabe porventura como serão concebidos, compostos e executados os baixo-relevos do pedestal?

Sabe tambem que condições de arte e de belleza tem a estatua da Religião, indicada no projecto?

Em resumo, o projecto do sr. Thomaz Costa, attesta as alterações que lhe foram indicadas e outras circumstancias que deixamos expostas, nunca devia ser o preferido pelo jury.

E se o preferiu, tomou uma responsabilidade tão grave, que difficilmente outros artistas a que-riam assumir.

E temos dito, do projecto «Invicta».

(Prosegue).

Porto.

Manoel M. Rodrigues.

AS NOSSAS GRAVURAS

AMORES CARNAVALESCOS

Eis um quadro palpitante de verdade e amor. Ao admirar-se a graciosa t'ela, evidencia-se a

d'amor, de desejos e de encantos; desejos cuja satisfação promove uma serie infinita de prescripções legais, desde o solemne pedir a mão da noiva, até ao ouvir o *sim* cahido d'aquelles labios, pronunciado por aquella bocca, tão mimosa e feiticeira quanto o são os fascinadores beijos do galante tyrolez.

de tempo que gastava e dos graves incommodos por que fazia passar os viajantes, se compararmos com a rapidez e commodidade com que hoje se viaja em caminho de ferro.

A diligencia era o que até então se tinha inventado de melhor para viajar. Havia-a de todos os tamanhos e feitos, e n'ellas



AMORES CARNAVALESCOS

(Quadro de Sieben)

importancia que as festas pagãs do Carnaval, tem como percursora dos efeitos da eterna atracção dos seres

Os dois gentis mascarados, protegidos pela liberdade que lhes permite a bulicosa e divertida quadra, que atravessamos, não se foram a gozal-a, trocando, não rebuçados e flores ou perfumes e ditinhos apropriados, mas sim longos beijos cheios

A PARAGEM DA DILIGENCIA

Quadro de Ferrer.

Este quadro recorda nos a vida de ha trinta annos, em que no nosso paiz o viajar em diligencia era o meio de transporte mais rapido e mais commodo que existia a despeito do grande espaço

se conduzia gente, bagagens e até mercadorias, indo tudo no mais fraternal convivio, os tejadilhos cheios de bahus, malas, caixotes, um armazem de retem, e sob esta montanha enorme de bahus e malas etc., iam os passageiros entalados entre outras malas sacos e troxas de todas a especie, aos tombos, consoante os tombos, que a diligencia dava pelos caminhos quasi intransitaveis,

e quando a jornada terminava, os passageiros terminavam o seu martyrio, podendo gabar-se de escaparem de boa, se conseguiram concluir a viagem sem quebrarem a cabeça ou as pernas.

E assim viajavam os nossos avós e ainda chegaram a viajar nossos paes, antes que em Portugal houvesse caminhos de ferro.

Se a distancia era grande, a diligencia fazia grandes paragens em certos pontos, para mudar ou descansar as cavalgadas e a jornada levava dois e tres dias.

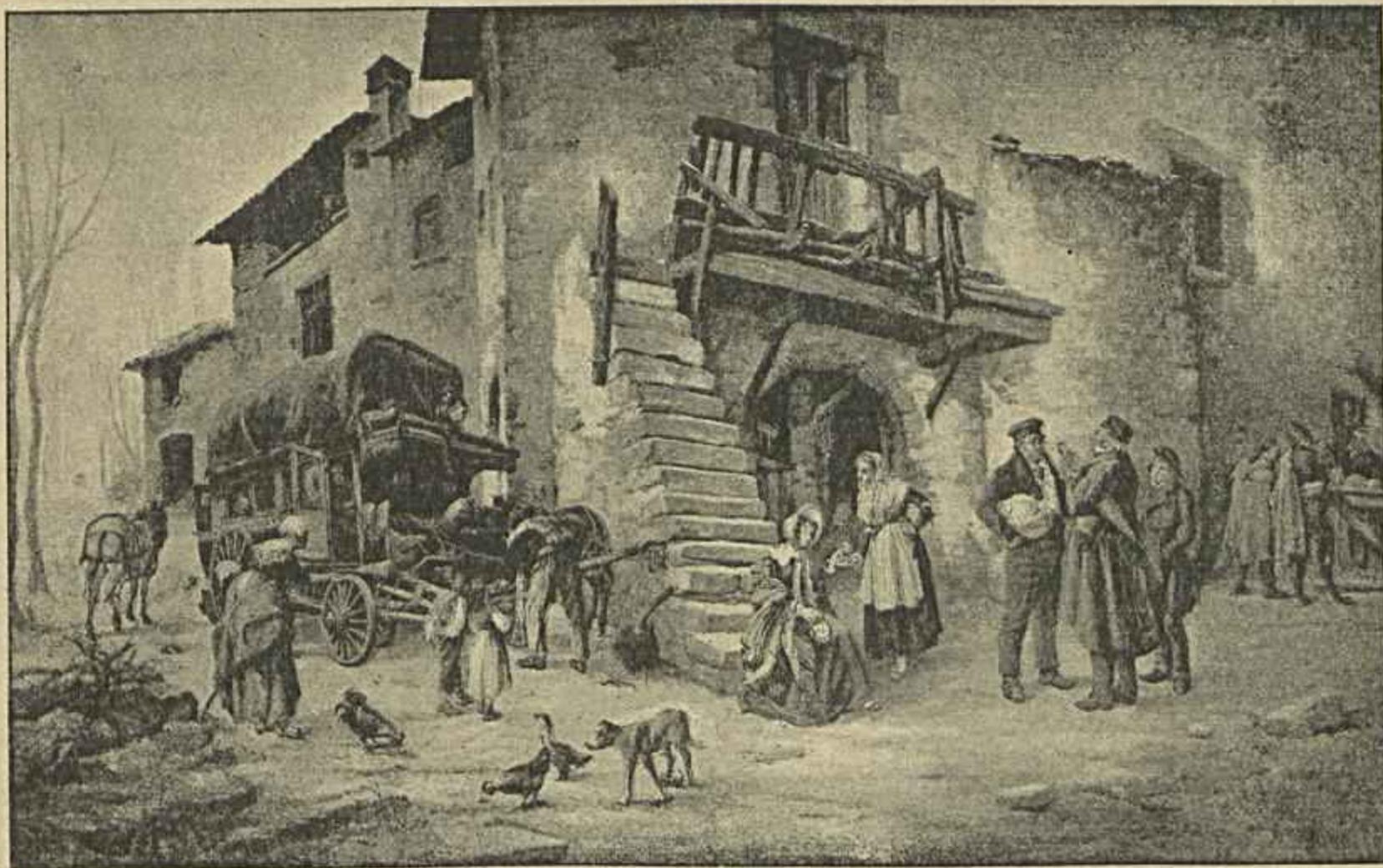
Eram taes os perigos que se corria n'estas viagens, que muitos passageiros, não se podendo acautelarem contra os riscos que o seu corpo corria, cuidavam de se acautelarem contra os perigos a que expunham a alma, confessando se e commungando antes de emprenderem a viagem.

que uma mulher não esquece, sobretudo quando pertencem de uma rainha, e são dirigidos a quem não nasceu em berço fidalgo. A etiqueta hespanhola, como aliás e sempre a etiqueta de todas as côrtes, exigia que a embaixatriz apparecesse sem luvas diante da rainha. A camareira môr assim o fez saber a M.^{me} Junot, permittindo-lhe, ao mesmo tempo, que não apparecesse com as anquinhas que então se usavam em Hespanha e Portugal, ao passo que na côrte franceza, seguindo-se o exemplo do Directorio, estavam em moda os vestidos escorridos. A rainha não ignorou o que se passara, e, desculpendo-se amavelmente da exigencia que fôra feita á distinctissima franceza, disse-lhe: «E' um uso, de que se não deve queixar porque as suas mãos são muito para ser vistas». M.^{me} Junot, mais affamada pelas graças do seu espirito do que pelas graças do seu corpo, não esta-

em troca tres cavallos e uma caixa de mil escudos. A nós o que nos espanta mais é que Junot... aceitou!

Vamos porém á parte do artigo que diz respeito a Portugal, e não podemos fazer mais de que traduzir o extracto que o sr. de Mouy faz do despacho de Junot.

«Seguiu-se a estas primeiras expansões a conversação acerca de Portugal. Dissemos que Junot devia não esconder as intenções de conquista, que eram então, em caso de resistencia, a ultima palavra da politica imperial em Lisboa. Alludio a esta eventualidade, mas de passagem, e ficou muito espantado com a resposta de Godoy; estava longe effectivamente de suppôr até onde se elevavam as ambições do primeiro ministro hespanhol. Este começou, não ousando ainda desmascarar inteiramente as suas estranhas esperanças, por diversas



A PARAGEM DA DILIGENCIA

(Quadro de A. Ferrer)

E tinham razão de assim procederem, porque quando escapassem aos desastres das diligencias, que eram frequentes, corriam ainda o perigo de não escaparem aos assaltos dos bandoleiros que infestavam os caminhos sertanejos, roubando e assassinando os pobres viajantes.

A EMBAIXADA DE JUNOT EM LISBOA

III

E' com relação á viagem de Junot que algumas novidades encerra o artigo do sr. de Mouy. Sabiamos já pelas *Memorias* da embaixatriz que tanto ella como seu marido tinham sido recebidos pelo rei e pela rainha de Hespanha no palacio de Aranjuez, e que esta, com extrema finura, soubera fazer a M.^{me} Junot um d'estes complimentos

va costumada a estes complimentos, principalmente da parte das pessoas do seu sexo.

Mas o que é novo para nós é a noticia da entrevista de Junot com o principe da Paz. O primeiro ajudante de campo do imperador levava para o primeiro ministro do rei de Hespanha uma carta particular de Napoleão, com elle devia ter uma conferencia, em que não tomaria parte o general Beurnonville, ministro de França em Madrid, o que ficou profundamente magoado com este facto. O que se passou n'essa conferencia é o que consta agora de um dos despatches ineditos em que o sr. de Mouy baseia a sua narrativa, e que é um despacho enviado por Junot ao ministro dos negocios estrangeiros Talleyrand.

O que nos interessa n'esse despacho é o que diz respeito a Portugal. Por isso limitar-nos-hemos a dizer que Junot ficou espantado com as demonstrações de affecto que recebeu de Godoy, e que chegaram a ponto d'este lhe pedir que lhe deixasse como recordação a sua caixa de rapê, e o seu relógio, offerecendo-lhe

observações debaixo de uma forma velada, mas bastante significativas, acerca dos sentimentos do governo portuguez; segundo elle dizia, o principe regente estava tão empenhado com a Inglaterra que não podia acceder aos votos de Napoleão. Depois, dando á sua linguagem o tom de uma palestra pessoal, insinuou que conhecia bem esse paiz, sendo elle mesmo meio portuguez, e possuindo já um principado n'esse reino. Ampliou depois as suas observações, fallando na necessidade em que elle se veria de sahir de Hespanha, quando morresse Carlos IV, porque era odiado pela princeza das Asturias, filha da rainha de Napoles tão notoriamente hostil á França. O general, que fitara a orelha ouvindo esse discurso ambiguo, quiz saber ao certo qual era o seu sentido, e para levar Godoy a explicar-se, ao passo que o incitava por palavras benevolas a collar completamente a Hespanha debaixo da dependencia do gabinete das Tulherias, deu-lhe a entender que conquistaria o reconhecimento do Imperador e se salvaria dos perigos de uma mudança de reinado, se usasse

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

(Continuado do numero antecedente)

II

D. Luiz de Lara Botelho e Noronha, sexto conde de Val-de-Bouro e senhor donatorio de boas terras no alto Minho, era um dos fidalgos que com mais dignidade soubera comprehender os seus deveres de portuguez leal, depois das agitações revolucionarias dos pretendentes ao throno vago pela morte do cardeal rei.

Incapaz de se humilhar ao triumpho de Philippe II de Hespanha, D. Luiz de Lara, cumpridas as suas obrigações de fidalgo e de soldado, retirou-se para a sua casa de Val-de-Bouro, desolado pela situação subalterna em que via a sua patria, ha poucos annos ainda dominadora e florescente.

Em Lisboa casara elle com D. Leocadia de Tovar, dama illustre, de uma amorosa belleza creada nos salões da corte, e, logo no primeiro anno, o nascimento de um filho varão, veio hilariar os echos da casa de Val-de-Bouro, garantindo successos aos seus vastos senhorios e vinculos prosperados.

Por isso, o retiró a que os tumultos politicos do paiz tinham sujeitado o conde de Val-de-Bouro, longe de lhe ser prejudicial, foi um saudavel intervalo de paz lançado na vida atrophante de Lisboa, então mordida de vinganças e odios mesquinhos.

D. Luiz era moço, e, com a alma illuminada pelo amor da esposa, fazia vida morgada pelos agrestes pittorescos do Minho, restaurando velhas paredes heraidicas, melhorando terras, e tumultuando longe a longe os seus adormecidos montados com caçadas apparatusas a que concorriam parentes de perto, e das quaes nunca regressava, sem que um ferro de lança varasse o coração de algum servo, ou um pelouro bem alvejado, derrubasse, a meio da carreira, algum javali acossado pelos batedores.

Serenamente, n'esta vida feliz de velho Rico-Homem, foi gastando alguns annos, emquanto o nascimento successivo de novos filhos, alvorçando-lhe de alegrias o lar afastado, ia dando aos seus primeiros cabellos brancos, uma precoce veneração de patriarcha. Entretanto, os filhos cresciam e a educação de elles, iniciada acanhadamente na aldeia, resolveu D. Luiz de Lara a fixar de novo a residencia em Lisboa.

Em 1620, o seu primogenito, que não tinha escrupulos caturras de patriotismo, accitou da boa graça de Philippe III de Hespanha, o titulo de conde da Agra, resignando o seu direito ao titulo hereditario no irmão immediato, D. Domingos, um dos mais favorecidos pela amizade do pae.

D. Balthazar era o mais moço de todos os irmãos, Educado em letras por um dominico da ordem dos pregadores, o pequeno maravilhava o mestre com singulares vivacidades de espirito e não menos com certas audacias arrebataadas que o frade, possuido das tradições justiceiras da sua seita, lamentava não poder corrigir com algumas applicações morigeradoras de junco.

Queria o frade arrastar para o seu convento, aquelle discreto rebento da Casa de Val-de-Bouro; e, n'este intento discursava sempre que podia, sobre os bens espirituas e por confortante do sacerdocio, tentando innocular no animo do discipulo devoções filiaes pelo patriarcha S. Domingos.

Mas D. Balthazar, então já com os seus quatorze annos bem desenvolvidos, respondia-lhe:

— Ora, frei Ambrozio, eu não quero ser cozinheiro de gente! — E, impacientado, ia simular torneios bellicosos, com os irmãos, no patim da casa.

Aquellas respostas aterravam o frade. A cada passo, o discipulo rebelde injuriava com palavras duras a justiça crematoria do Santo Officio; e, mais de uma vez, foi Ambrozio, vendo nas tendencias do rapaz alguma occulta manifestação de atavismo, promettera a si mesmo averiguar se a geração illustre dos condes de Val-de-Bouro, estaria mysteriosamente inquinada de sangue judaico.

Um dia, com effeito, accommetteu as genealogias da casa, vorazmente; todavia, como das suas esculcas, colhesse a certeza de que os Laras eram a gemma dos christãos velhos da peninsula, resolveu ter uma explicação com o conde, para, como elle dizia, escapar a futuras responsabilidades.

— Temo que o senhor D. Balthazar — disse elle um dia, de chofre, ao fidalgo — esteja possuido de maus espiritos...

O conde alvorçoou-se:

— Ora essa!... Que fez elle?

— Eu, realmente, custa-me a dizel-o; mas aquelle mancebo, senhor conde, se não muda de rumos, hade ter bastos desgostos para o futuro... Eu custa-me a dizel-o... Mas V. S.* bem comprehende o meu dever...

E cheio de reticencias, frei Ambrozio desenrolou diffusamente aos olhos attonitos do conde de Val-de-Bouro, os horrores sacrilegos do filho, as injurias que cuspiam no Santo Officio, a liberdade com que defendia os judeus e christãos novos purificados pelo fogo, e como vociferava contra a ordem de S. Domingos com cujo habito, elle, frei Ambrozio, se honrava...

— Até cozinheiros de gente nos chama! — resumiu o padre com piedosa indignação. — Que aquillo, illustrissimo senhor, não é de mais nada; e de certos livros perniciosos que v. s.* nunca devia ter na bibliotheca. Ainda ha dois dias, lhe vi nas mãos uma copia das farças de esse negregado Gil Vicente, que a estas horas está penando no inferno as injurias que jogou ao clero...

— Pois deixe estar, frei Ambrozio que eu viarei meu filho, eu olharei por isso.

— Porque elle, — rebateu o frade — lá possesso não está!...

— Crédo!

— Não está, senhor, lá possesso não está, por que não falla idioma desconhecido com muitas palavras, nem entende os que li'o fallam, nem manifesta coizas occultas e distantes, nem mostra forças superiores ás naturaes. E estes são os symptomas do verdadeiro endemoninhado conforme o ritual romano.

— Pois então, frei Ambrozio, se o mal vem dos livros, escondam-se os livros; que eu antes quero filho guerreiro que letrado.

— Distingamos, illustrissimo senhor, distingamos! Os livros, com moderação, bem escolhidos, dão sabedoria, dão gloria... Mas o senhor D. Balthazar olha só para novellas e trovas, e v. s.* andaria acertado se não deixasse ao menino liberdade para ler essas pataratas.

— Vá descansado, frei Ambrozio, vá descansado que eu direi ao padre capellão que queime essas historias.

O frade, percebendo n'esta resposta que o conde já estava enfadado da conversa, deu dois passos para a porta. Contudo, antes de sair, ainda murmurou com voz cautelosa:

— E não será desacertado, senhor conde, mandar depenurar na porta do quarto do menino, uma cebolla albarra... Que não vá isto ser coisa de bruxaria!... Mas sobre tudo, livrar de livros malignos!

O fidalgo, impaciente, prometteu que sim, que n'esse mesmo dia mandaria depenurar a cebolla albarra e fazer um auto-de-fé a toda a livraria profana.

Se cumprio a promessa, não sei. O que é certo, é que D. Balthazar, aos dezoito annos, tinha a *Historia do Imperador Clarimundo* na cabeça, e adoptava excellentemente as lyricas de Rodrigues Lobo aos seus galanteios de saraú, commentando em aventuras nocturnas a parte poetica que não podia exhibir nos salões sem escandola grave.

O seu espirito vivo e meridional fazia-o querido das mulheres, e rodeava-o de espontaneas sympathias na ala gentil de aquella mocidade aristocrata que alguns annos mais tarde, devia libertar Portugal da dominação humilhante do duque d'Alvares. Entre a familia, porém, a sua vivacidade rebelde, sublinhada de ditos mordazes e opiniões audaciosas, tornava-o pouco estimado; apenas uma irmã, D. Thereza, que herdara a organização delicada da mãe, distinguia o estovado com uma doce ternura a que elle era manifestamente sensível.

Os outros irmãos temiam-n'o e evitavam-n'o cautelosamente, como a um doido, desde certo dia em que D. Balthazar os accomettera com uma espada do bis-avô, por ciúmes de uma aia da condessa mãe, chamando vinganças tragicas em desafronta da «sua dama».

Este conflicto teve como resultado immediato e providente, a demissão da aia; mas assim que a creada sahiu, D. Balthazar jurou pela memoria de Clarimundo, que a seguiria até ao fim do globo. Não chegou contudo a ir tão longe, porque a «sua dama» teve a prudencia de lhe abrir o coração e os braços em uma discipula casahola da Mouraria.

O conde de Val-de-Bouro, á vista das estouvancias do filho mais novo, pensou em tomar medidas de repressão violenta; mas depois, ponderando a indole rebelde do rapaz, modificou o plano e tractou de negociar com o governo um cargo no ultramar, que o afastasse de Lisboa e lhe divertisse o espirito ocioso.

Entretanto, D. Balthazar de Lara completava já

desde já «do seu poder e de todos os seus meios» para favorecer a politica franceza.

Essas expressões que miravam apenas na apparencia ao concurso que se esperava de Godoy fizeram-lhe uma impressão bastante viva para julgar chegado o momento de entrar no caminho das confidencias. Demais, em presença do servico que se lhe indicava, julgava que seria talvez habil apalpar o terreno e deixar presentir qual era o preço que d'isso se atrevia a esperar. Affectou pois um ar solemne, pegou na mão de Junot, e perguntou-lhe, n'um tom compenetrado, como «ao melhor amigo do imperador, se realmente Napoleão abandonara as suas más impressões a seu respeito, e julgavam estado de governar». Tendo-lhe o general respondido com cortezia, descobriu plenamente o seu pensamento: «O imperador não sabe talvez, disse elle, que os grandes de Portugal se reuniram e se entenderam para me offererem a corôa. Agradecei-lhes dizendo-lhes que queria servir o meu amo até ao fim, mas que, em seguida, se entrasse nas vistas da França o eu acceptar, acceptaria com a amizade do imperador.»

Junot, que já suscitara desde o principio que o seu interlocutor esperava uma seria recompensa do seu concurso, estava longe todavia de imaginar que elle erguesse tão alto as suas vistas. Semelhante communicação era absolutamente imprevisita; as suas instrucções, escriptas ou verbaes, não authorisavam conjectura alguma acerca das intenções ultteriores do seu governo com relação ao principe da Paz. Conservou, n'esta occorrença, o sangue frio de um velho diplomata, não manifestou sentimento algum que podesse desanimar Godoy ou lisongear as suas esperanças. Limitou-se a insistir de um modo geral no auxilio que se esperava d'elle nas circumstancias presentes e na vantagem que lhe asseguraria o apoio de Napoleão. Teve o cuidado tanto para excitar o seu zelo como para se dispensar de umas respostas directas de desenhar a traços largos o quadro do poder do seu amo; mostrou a Italia inteiramente debaixo da sua dependencia, a praça de Alexandria em estado de conter e de abastecer um grande exercito, e dando-lhe «a possibilidade de entrar na Italia quando quizesse»; os Suissos e os Hollandezes arrastados na nossa orbita, a maior parte dos principes allemães unidos á França pelo seu proprio interesse, a Prussia ligada a nós «por tantas garantias, que se não podia desprender». Se a Hespanha se conservar fiel, disse elle ainda, e se Portugal nos auxiliar, nada ha a temer dos Russos' apêzar das suas ameaças, nem da Inglaterra «que não pôde fazer uma guerra continental», nem da Austria que teria «demasiadas vantagens em recomear a lucta». Na realidade, esta exposição que reproduzia o pensamento de toda a juvenil e entusiastica geração de que o imperador era o chefe e o heroe seria mais exacto um pouco mais tarde, depois de Austerlitz e de Iena, mas continha desde já bastantes verdades para impressionar fortemente o principe da Paz e fazer-lhe comprehender o alto valor da benevolencia imperial. Junot não podia dizer mais; resumiu-se em duas palavras praticas: «Façamos primeiro o que ha a fazer hoje». Godoy percebeu que nada mais alcançaria, porque na terceira conferencia, que se realizou no dia seguinte, não se tratou se não de minucias secundarias acerca dos preparativos maritimos e dos caracteres geraes da alliança franco-hespanhola. O joven negociador esquivara-se pois perfeitamente a uma difficuldade e reservara toda a liberdade de acção do seu governo.

A narrativa é curiosa. Assim aquelle *monsieur Alphonse* da realza bourbonica e hespanhola, aquelle guitarrista levantado pela paixão cega e vil de uma rainha até aos degraus do throno, pelo caminho do leito do adulterio, aquelle substituto pago do rei Carlos IV junto de sua excelsa esposa D. Maria Luiza nas funcções matrimoniaes, aquelle principe de contrabando, aspirava a ser rei de Portugal, e a cingir a corôa de D. João I! Agradecemos ao menos a Junot o espanto que semelhante aspiração lhe causou. Foi menos escrupuloso depois, no seu desdem soberbo pelos homens, o imperador Napoleão, que, se hesitou em dar a Manuel Godoy o reino de Portugal, sempre lhe retalhou no territorio portuguez um principado, que se compunha do Alemtejo e do Algarve. Não era mal escolhido! Assim como assim, sempre esse principe que se dizia meio portuguez, mas que afinal de contas não era nem portuguez nem hespanhol, porque era cigano, ficaria a governar uma provincia por onde muita vez teria passado, besuntão e larapio, arranhando as cordas da guitarra n'um fadistismo reles, com as unhas negras de gitanos que não causaram engulhos á licenciosa mãe da mais licenciosa ainda Carlota Joaquina.

(Continúa).

M. Pinheiro Chagas.

25 annos. O pae, desesperado com a inutilidade de aquella existencia plena de vigor juvenil, na idade em que os da sua raça, nunca deixaram de ter a gloria de mais de um serviço patriótico, via-se sem animo para combater a resposta que o filho dava invariavelmente ás suas exprobações:

— Eu não sirvo estrangeiros. Se algum dia Portugal tiver um rei portuguez, verá v. sr.º como eu sei honrar a minha espada.

Assim correu algum tempo.

Um dia, D. Balthazar, amargurado por desgostos do coração foi accomettido por um enternecido desejo de paz campestre, um grande socego de bucolica onde as saudades e os infortúnios, fugissem açoitados pelo vento agreste das serranias.

Pediú ao pae, dramaticamente, que o deixasse ir penar velhas culpas entre as arvores solarengas de Val-de-Bouro.

— Pois vae, vae, e olha se tens tento n'essa cabeça! — respondeu-lhe o velho satisfeito com aquella resolução.

— A minha mocidade acabou! — declamou lugubrememente o outro. — Este homem que v. s.º aqui vê, será dentro de pouco tempo, um noviço do convento de Tibaens.

O conde, habituado, já ás fogazas declamações do filho, teve um sorriso frouxo e encolheu ligeiramente os hombros, como quem se resignava a uma nova rapaziada.

Alguns dias depois, partiu D. Balthazar para o Minho. Mas, como ao fim de dois mezes se aborrecesse dos primos com quem fazia caçadas, e das primas com quem fazia saraus e idyllios pastoris, resolveu percorrer os velhos recantos da provincia, onde a geração historica dos senhores de Val-de-Bouro tivesse um garfo mais ou menos authenticamente do seu tronco prodigiosamente ramificado.

D'esta maneira, saltando de terra em terra com o seu laçao agalvado de oiros apparatusos, foi parar aos arrabaldes de Vizeu, onde os olhos de D. Luiza Cordovil de Lencastre deviam oppor uma baliza de luz á sua incorrigivel vagabundagem.

Foi n'um sarau dos Vilhegas que o encontro se realisou; e tão fulminante foi a impressão que abalou o coração do esturδιο galanteador da corte, ao deparar com o delicioso perfil da fidalguinha do Castanhal, que ao fim de um extasi de duas horas, apenas teve esta phrase despotica de Clarimundo, que fez tremer dois viziensens lymphaticos:

— Ou minha, ou de ninguem!

(Continua.)

de outros comícios quasi sempre perturbados por arruaceiros assalariados, que são mandados para o seio das assembleas provocar conflictos, em que a auctoridade tem que intervir e na maioria dos casos dissolver e comicio.

Assim se procede geralmente quando os comícios não convem ao governo.

Outra razão ainda levou o governo a prohibir o comicio, e foi o convite que os promotores d'elle fizeram aos logistas para encerrarem os seus estabelecimentos, nas horas a que o comicio principiava até que se tomassem resoluções e se conhecesse o seu resultado.

Esta é que foi a parte antipatica da questão, porque não obstante ter se dito até alli, que a politica não entrava no caso, desde que se promovia uma alteração da ordem publica com o encerramento dos estabelecimentos, não faltou quem quizesse pescar nas aguas turvas, e logo os jornaes de opposição ao governo principiaram a bater as palmas e a excitar os espiritos, dando todo o caracter politico ao caso.

As bravatas dos jornaes politicos cresceram ainda mais, quando no dia 29, dia em que se devia realisar o comicio que foi prohibido, todos os estabelecimentos de Lisboa, á excepção das boticas, fecharam as suas portas, sem haver onde beber dois decilitros ou comprar um cigarro.

Era uma manifestação imponente, de desagrado, de protesto contra a nova lei de contribuição industrial e contra a prohibição do comicio. Se n'ella havia espirito de politica não o sabemos, porque uma boa parte dos estabelecimentos fecharam por medo de ficarem abertos e o que mais preocupava os interessados era a ideia de não pagarem os novos impostos, que elles fossem decretados por este governo ou por outro qualquer.

Mas a politica sempre intromettida e ávida de casos que lhe possam servir de arma para combater na opposição, achou prato succoiento onde repastar-se e deu a maior grandeza possivel á manifestação, havendo jornaes que chegaram a encabeçar o seu artigo de fundo, com o titulo a toda a largura da pagina de *Abaixo o Governo*.

Não sabemos até onde isto chegará, repetimos, mas o que sabemos é que os progressistas esfregam as mãos vendo que lhe preparam o accesso ao poder, emquanto os republicanos fazem córo visto que não podem fazer outra cousa.

Quem pescará por fim n'estas aguas turvas?

João Verdades.

NECROLOGIA



DR. M. M. FERREIRA DA SILVA BEIRÃO
FALLECIDO EM 10 DE DEZEMBRO DE 1893

O eminente juriconsulto dr. Manoel Maria Ferreira da Silva Beirão, foi um dos homens de sciencia cujo conselho e criterio teve uma auctoridade dualistica a do saber e a do sentir. A sua opinião, por esclarecida e segura, era sempre seguida e acatada não só entre os seus collegas como ainda mesmo nos proprios tribunaes.

Sempre vivendo modestamente, havendo recusado todas as honrarias e distincções, tambem quiz que o seu funeral fosse modesto, o mais possivel. D'uma fidelidade partidaria muito acadinhada, era um exemplo a seguir.

De um desinteresse excepcional, de costumes simplissimos, o illustre advogado era o menos exigente dos juriconsultos para com aquelles que o consultavam. Não consentia que lhe offerecessem

o premio do seu trabalho, elle o arbitrava, e com uma tal parcimonia, com uma tal modestia, que só recebia uma quota parte das importantes quantias com que lhe queriam pagar.

Era considerado o primeiro advogado portuguez, o mais sabio d'elles e no emtanto, devido á sua meticulosidade morreu pobre, nada mais legando que os seus livros, livros de alto valor attendendo a que já vinham de seu pae, o erudito humanista Francisco Antonio da Silva Beirão, de quem Innocencio falla no seu dicionario.

Como o mais sabio dos juriconsultos era, tambem, tido como mestre, e assim o ractificou um dos mais illustres socios da *Associação dos Advogados*, de que o fallecido fóra, havia mais de trinta annos, socio, tanto q. e era o ultimo dos fundadores: d'aquella agremiação, quando ao descer á cova, o cadaver do extincto assim disse:

«Perdemos o mestre. Exemplo de virtudes pela pratica constante de uma vida austera para si e benevola para os outros, ninguém deixou nunca de achar n'elle proveitosa licção no que dizia e fazia, sendo sempre de todos verdadeiramente mestre, mas nós advogados mais que todos perdemos com a sua morte, porque ficamos sem o collega, sempre prestante, do profundo e leal conselho; deixamos de ter esse modello vivo de dignidade profissional, privados do chete, do guia, do decano da nossa classe, e muito digno e querido presidente perpetuo da Associação dos Advogados de Lisboa.»

Ajuntemos a estas palavras do sr. dr. Vicente Monteiro as do fallecido Paulo Midosi, quando se inaugurou, em 1878, o retrato do dr. Beirão na sala das conferencias da associação; palavras que synthetisam a profunda crença, a bondade de alma que o venerando juriconsulto possuia:

«Religioso sem affectação, nem apparato, alma crente e cheia de unção, instruido, singelo, lucido na phrase, argumentador proficiente e sobrio, sem orgulho; o homem de bem ás direitas — eis as linhas principaes d'este notavel typo de juriconsulto.»

O dr. Manoel Maria Ferreira da Silva Beirão, nasceu em Lisboa em 5 de abril de 1805 e era filho de Francisco Antonio Ferreira Beirão e de D. Raymunda dos Anjos Beirão que foram os seus primeiros mestres. Coursou humanidades no convento de S. Vicente de Fóra e frequentou a Universidade, onde se formou em 1831, na faculdade de Direito. Seguindo a politica realista sahio de Lisboa quando aqui entraram as forças liberaes, servindo algum tempo de juiz de fóra em Salvaterra de Magos e Torres Novas. Acabada a guerra civil começou a exercer a advocacia em Lisboa, profissão que manteve até á sua ultima hora.

Innumeros são os seus trabalhos, todos de valor, taes como a collaboração em diferentes codigos, relatorios de diversas consultas, etc.

Em 1882 foi eleito vereador á Camara Municipal de Lisboa, e pertencendo-lhe o ser presidente, por haver sido o mais votado, fez o mesmo do que quando foi eleito vogal do conselho do districto: — nunca lá foi.

Como se vê morreu o respeitavel cidadão, na idade de oitenta e oito annos, conservando sempre, como dissémos toda a sua actividade, toda a sua lucidez.



CONSELHEIRO JOSÉ DE SANDE
MEXIA SALEMA
FALLECIDO EM 19 DE DEZEMBRO DE 1893

Á vasta galeria de finados illustres que O OCCIDENTE tem publicado, vem hoje juntar-se o retrato de mais um cidadão portuguez, o do sr. con-



REVISTA POLITICA

Tem-se complicado de tal modo os acontecimentos depois da nossa ultima revista, que não é facil prever o grau da gravidade que attingirá a attitude do commercio, que dando as mãos á industria, se propoz reagir contra a nova lei de contribuição industrial.

Foi a Associação Commercial de Lisboa que tomou a iniciativa da resistencia contra a nova lei, e a ella tem adherido, alem de todas as associações commerciaes das terras da provincia principiando pelo Porto, as associações dos Logistas de Lisboa e a Industrial Portugueza.

A Associação Commercial de Lisboa, depois de ter representado ao governo para que este sustasse a execução da nova lei de contribuição industrial, representação a que o governo respondeu negativamente, dizendo que não podia sustar a execução de uma lei votada pelo parlamento, mas que logo que as camaras abrissem elle cooperaria com o commercio para que a mesma lei fosse revista e modificada no que tivesse de vexatoria, esta associação tratou de fazer um grande comicio, em que só tomassem parte os membros da classe commercial e industrial, para resolverem o que deviam fazer em vista da resposta do governo.

O governo empregou as influencias que poude para demover os promotores do grande comicio do seu proposito, mas não o conseguindo usou do artigo da lei em que encontrou motivo para prohibir o comicio, por este ter um caracter de reunião particular visto que n'elle só se dava entrada por bilhetes pessoases intransmissiveis.

O sophisma foi bem achado, uma subtiliza a que o governo se soccorreu, e contra a qual não houve que oppôr.

A razão porque os promotores do comicio tinham resolvido que a admissão ao mesmo se fizesse por bilhetes pessoases e intransmissiveis, comprehende-se facilmente, sabendo-se a historia

selheiro José de Sande Mexia Salema, juiz do Supremo Tribunal de Justiça e par do Reino.

O vanerando magistrado exerceu varios cargos publicos e alguns vamos citar : tendo-se formado na faculdade de Direito, em 1841, foi logo despachado delegado do procurador regio da comarca do Reguengo de Monsaraz, e depois transferido para Setubal. Mais tarde foi despachado ajudante do procurador regio junto da relação do Porto, aonde tambem, serviu de procurador regio.

Em 1847 foi nomeado capitão dos regimentos de Coimbra e de Setubal. Em 1854 sahio despachado juiz de Direito da camarca Arganil, onde teve de se occupar do celebre processo dos Brândões, pela morte do ferreiro de Candosa.

Foi transferido para Lisboa em 1855, servindo nas tres varas criminaes e na 3.ª e 6.ª civeis ; em 1870, a 16 de julho foi para a relação dos Açores da qual foi vice presidente e presidente, passando em março de 1881 a juiz do Supremo Tribunal.

Em 1887, no gabinete Avila, foi ministro da justiça. Anteriormente fôra eleito deputado por Soure.

Varias vezes o sr. conselheiro Mexia Salema foi agraciado com diversas gran-cruzes, tendo-lhe sido dada, tambem, a medalha da febre amarella. O ultimo cargo que o illustre extinto exerceu foi o de vice presidente da camara dos pares pois que o era actualmente.



VISCONDE DE SOTTO MAIOR

FALLECIDO EM 19 DE JANEIRO DE 1893

Ha cincoenta annos as eleições não se faziam no ministerio do reino, com a placidez de quem escriptura uma conta corrente; faziam-se a má cara entre varapaus e baionetas: a politica era uma paixão que não admittia que os estadistas accordassem, accordado andava o paiz, e não a dormir a somno solto como hoje, em perigo de que um estrumunhar de sobresalto o atire do leito abaixo.

Nem accordos nem coisa que se parecesse com isso, odios violentos é o que havia por esse Portugal fóra

Por isso as luctas partidarias nas camaras e na imprensa eram verdadeiras batalhas em que uns e outros esgrimiam por um ideal, por vezes fontozoso, que lhes incendiava o coração.

Antonio da Cunha Sotto Maior tornára-se notavel nas pugnas do parlamento e na polemica jornalística. E conhecida a sua resposta ao ministro omnipotente, que, a uma aggressão ligeira do deputado a respeito de questões financeiras, pretendeu tirar-lhe a autoridade moral dizendo que o sr. Sotto Maior, que tão mal administrára a sua casa, mal podia aconselhar sobre assumptos economicos do paiz. — «Como eu gastei a minha fortuna sabe-o Lisboa, sabe o o paiz inteiro; como o senhor ministro adquiriu a sua, é que ninguem o sabe... ou antes, sabe o toda a gente.» — A vehemencia e promptidão da replica ficou lendaria.

E lendarias ficaram as extravagancias engraçadas, os ditos espirituosos e de fina ironia do moço gentilíssimo, que por essa cidade exhibia as mais extraordinarias elegancias, que eram logo adoptadas pelos janotas da epoca.

Um dia este homem original abandonou Lisboa; fôra nomeado ministro plenipotenciario n'uma cõrte estrangeira. Pouco e pouco foram desaparecendo os homens do seu tempo, a sociedade mudou completamente de phisionomia, as relações do diplomata com o paiz passaram a ser apenas officiaes; por isso, a não ser no ministerio dos negocios estrangeiros, quando se falava de Antonio da Cunha Sotto Maior, parecia que se tratava de quem morrera havia muitos annos.

E contudo o nosso ministro em Stocholmo e Copenhague passára estes trinta annos vivo e bem vivo. Adquirira junto da cõrte situação invejada por toda a diplomacia, grangeára amigos na primeira sociedade, e conseguira tornar-se o homem mais popular de toda a cidade, á qual impunha as modas do seu trajar fantasioso. As lojas annunciavam gravatas á Sotto Maior, charutos á Sotto Maior, considerando o rei da elegancia.

Em tres dias que estive na capital da Suecia quasi não ouvi falar n'outra coisa, senão nas originalidades do ministro portuguez, algumas das quaes parece que só a elle poderiam ser perdoadas. E eram-no, e ficavam as pessoas que as sofriam mais amigas d'elle.

Ahi vai uma para amostra. Conta-se que uma vez estando n'um dos Paços, onde entrou sempre com toda a intimidade, conversando á janella com uma princeza, parara na rua um tatoador ambulante, e a princeza ainda muito moça, lembrou-se de dizer ao visconde que tinha immenso empenho de ser tatoada. Sotto Maior desceu immediatamente as escadas, chamou o tatoador, levou o á princeza, e fez com que este a tatoasse n'um braço.

Passados mezes dava-se um baile na corte, e a caprichosa senhora, tendo de decotar-se, não pôde encobrir a sua leviandade. O remedio foi confessar a verdade. Lá o visconde ser severamente reprehendido pela rainha que se indignára com tamanha loucura; soube, porem, desculpar-se tão graciosamente, e de tal maneira desenvolveu o thema de que para elle os desejos d'uma princeza eram sempre ordens, que a amizade da familia real antes redobrou que arrefeceu.

Com uma grande força de vida e julgando-se sempre um rapaz, tendo-me ouvido falar na exposição de Chicago, disse-me: Quando V. chegar a Lisboa, lembre ao Hintze que me mande lá em missão especial, e pode V. acrescentar — Olhe que nenhum diabo é capaz de representar Portugal melhor do que elle.

N'esta vida diplomatica os gastos são muitos, — dizia — tudo para fazer figurar o paiz; ainda ha pouco tive que ir a Copenhague, e as despesas foram grandes, fiquei sem vintem. Quer V. ver o que eu trouxe de lá? — e mostrou um lindissimo tete á tete de prata martelée, que lá comprára por duzentos mil réis... certamente para não deixar o paiz sem boa representação.

Estas e outras extravagancias de quem não podia resistir aos appetites tornaram a sua casa um verdadeiro museu de preciosidades artisticas. E, apezar dos seus oitenta e um annos, que era a idade confessada em 1890, o seu guarda roupa estava recheado de tudo quanto a imaginação mais requintada d'um rapaz de 18 annos possa fantasiar; fatos para caça, fatos para passeio no campo, fatos para manhã, fatos para tarde, fatos emfim com tantas especialidades, que é até difficil imaginar que possa haver esses matizes para as diversas occasiões a que o elegante deve appropositar o vestuario. Profusão de gravatas de felitos extraordinarios e extraordinarias cõres tinham todas o seu alfinete de elevado preço.

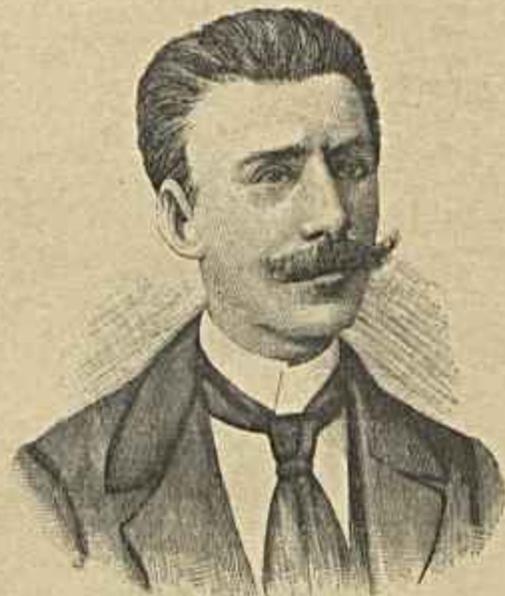
Era grande a sua predilecção por joias. Andava sempre com uma pulseira de alto valor, e a respeito d'ella contava com graça, que o Principe de Galles se lembrara um dia em Paris d'inventar a moda dos homens trazerem esse adorno, que até aqui tem sido especialidade das senhoras, e logo lhe disseram: «Isso não é novidade, ha mais de vinte annos usa pulseira o Sotto Maior». Este privilegio d'invenção enthusiasmava muito o visconde, que se orgulhava de ninguem lhe haver levado a palma em questões de tafalaria. Nem o Principe de Galles!

A sua elegancia distinctissima aliada a uma grande bondade tornara o motivo de ufania para a população de Stockolmo, que já considerava o ministro portuguez um conterraneo seu, merecedor das mais especiaes considerações e sympathias. A este respeito é caracteristico o seguinte facto: costumava o Visconde sentar-se sempre em certa cadeira na plateia do principal theatro da cidade. Uma noite quando entrou na sala encontrou o lugar occupado por um estrangeiro. Não gostou, mas não fez questão; a plateia, porém, é que se encarregou de a fazer, e tal foi o barulho e a intimação ao inconsciente usurpador, que for-

çoso foi a este levantar-se e ceder a cadeira ao nosso representante.

Antonio da Cunha Sotto Maior retribuía sinceramente a affeição do povo sueco. Para se não separar d'uma corte onde era tão querido, deixou por vezes d'acceptar transferencias para missões diplomaticas de maior vulto, que seu grande talento saberia desempenhar com maior gloria para o seu nome e superior vantagem para o paiz.

Bertiandos.



EDUARDO DE BARROS LOBO

FALLECIDO EM 17 DE DEZEMBRO DE 1893

No grande numero de mortos illustres que se finaram nos ultimos dias do anno de 1893, anno em que Portugal, tentos homens de valor perdeu, de entre esses destacamos agora Barros Lobo que como estrella, como mundo litterario, teve o nome de *Beldemonio*.

Este seu pseudonymo, parece dizer alguma cousa, porque Barros Lobo, tinha um temperamento especial, era vivo e agudo no seu dizer, ardente e brilhante no seu estylo; teve um estylo seu, muito seu, tanto que critico, no que fez foi inexcedivel. Afastara-se dos centros litterarios, morreu divorciado senão de tudo e de todos pelo menos d'aquelles que n'este valle de lagrimas foram os seus companheiros nas lides da litteratura.

Eduardo de Barros Lobo falleceu a 17 de Dezembro de 1893 contando a idade de 30 annos, pois que nascera — singular coincidência! — a 17 de Dezembro de 1857, na villa de Gouveia, districto da Guarda.

Os seus primeiros estudos seguiu-os *Beldemonio* no seminario de Coimbra. Depois foi para o Porto, onde entrando no jornalismo começou a colaborar na *Lucta*, depois no *Dez de Março* e no *Primeiro de Janeiro*.

Mais tarde lançou á publicação uma revista critica intitulada *Vespas* e que era editada pela livraria Chardron.

Do Porto veio elle para Lisboa, collaborando no *Diario Illustrado* e traduzindo varios romances de Balzac para a collecção *Pedro C. rreia*.

Como traductor, a Barros Lobo os auctores estrangeiros devem bastante: Guy de Maupassant, Emile Zola e tantos outros, de que traduziu obras, tiveram n'elle mais do que o traductor, ou escrevente assalariado, porque sempre Barros Lobo, extrahiu das outras linguas para a sua com grande vantagem. Phrases que nem sempre eram de valor apreciavel, verteu as elle sempre mais brilhantes e mais lapidadas.

Foi, victima d'uma tísica pulmonar, que Barros Lobo succumbiu. Ultimamente o seu estado tinha-se aggravado mas não se esperava o desenlace fatal.

Veiu abreviar-lhe os dias o fallecimento de sua filha Hugolina, morte que lhe causou o abalo que lhe foi tão funesto.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 30 — Lisbon